

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Regina Clare Monteiro

Leitura e Ação Cultural

Semestre

7

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Regina Clare Monteiro

Leitura e Ação Cultural

Semestre

7

Brasília, DF



Rio de Janeiro

Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia



Permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Presidência da República

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Diretoria de Educação a Distância (DED)

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Núcleo de Educação a Distância (NEAD)

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)

Departamento de Biblioteconomia

Leitor

Kyldes Batista Vicente

Comissão Técnica

Célia Regina Simonetti Barbalho

Helen Beatriz Frota Rozados

Henriette Ferreira Gomes

Marta Lígia Pomim Valentim

Comissão de Gerenciamento

Mariza Russo (in memoriam)

Ana Maria Ferreira de Carvalho

Maria José Veloso da Costa Santos

Nadir Ferreira Alves

Nysia Oliveira de Sá

Equipe de apoio

Eliana Taborda Garcia Santos

José Antonio Gameiro Salles

Maria Cristina Paiva

Miriam Ferreira Freire Dias

Rômulo Magnus de Melo

Solange de Souza Alves da Silva

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Cristine Costa Barreto

Desenvolvimento instrucional

Bruno Peixoto

Diagramação

Patrícia Seabra

Revisão de língua portuguesa

Beatriz Fontes

Projeto gráfico e capa

André Guimarães de Souza

Patrícia Seabra

Normalização

Dox Gestão da Informação

M772l Monteiro, Regina Clare.

Leitura e ação cultural / Regina Clare Monteiro; [leitora] Kyldes Batista Vicente. – Brasília, DF : CAPES : UAB ; Rio de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.

80p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85229-74-0 (brochura)

ISBN 978-85-85229-66-5 (e-book)

1. Promoção do livro e da leitura. 2. Biblioterapia. I. Vicente, Kyldes Batista. II. Título.

CDD 021.2

CDU 021.2

Caro leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desses materiais para fins não comerciais, desde que lhes atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõem o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, a fim de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Nesse sentido, asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destes pelos usuários do material ora apresentado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	<i>Paulo Freire</i>	15
Figura 2 –	Ler é mais do que decodificar símbolos linguísticos. É pertencer ativamente a uma sociedade, enriquecendo-se cotidianamente com novas ideias	17
Figura 3 –	<i>Chartier Roger</i>	19
Figura 4 –	<i>Mikhail Bakhtin</i>	20
Figura 5 –	O conceito de leitura representa um processo de formação social do leitor, ampliando e desenvolvendo sua capacidade cultural, assim como sua visão política e social.....	22
Figura 6 –	Antiga pedra suméria com escrita cuneiforme	24
Figura 7 –	Era de interesse do Estado o fortalecimento da família burguesa. Para os objetivos políticos do Estado, a constituição familiar traçava o caminho para uma sociedade moderna, já que a família era considerada uma miniatura da sociedade idealizada. A leitura consolidou-se no interior desse universo familiar, por ser considerada uma atividade doméstica adequada à privacidade do lar	26
Figura 8 –	São chamados jesuítas os membros da <i>Companhia de Jesus</i> , uma ordem religiosa católica fundada por <i>Santo Inácio de Loyola</i> , cujo trabalho teve início com um grupo de missionários dedicados à educação e à caridade, em 1534	30
Figura 9 –	Os leitores transformam as formas e a ordem dos signos e da escrita, criando novos discursos nesse espaço onde a leitura acontece. A força do escrito vem do leitor, pois é ele quem lhe atribui sentido em um determinado contexto histórico	32
Figura 10 –	São considerados analfabetos funcionais aqueles que conhecem as letras, ainda que minimamente, sabem escrever o próprio nome e conseguem ler e escrever frases simples, mas são incapazes de interpretar o que leem ou de fazer operações matemáticas básicas.....	40
Figura 11 –	Num primeiro momento, as bibliotecas eram locais de conservação do patrimônio público, e o leitor – descuidado ao manipular os livros – era um obstáculo ao seu bom funcionamento.....	42
Figura 12 –	A literatura e, em especial, os mitos e os contos ainda são a melhor expressão da voz humana.....	46
Figura 13 –	Os mitos e contos são histórias sobre a nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar e compreender nossa própria história	48
Figura 14 –	A literatura, partindo de uma reflexão sobre o real, transposto para a ficção, traz elementos indispensáveis à sobrevivência de uma comunidade, aproximando os indivíduos, reforçando laços familiares e promovendo a resolução de conflitos, a partir das experiências cotidianas.....	50

Figura 15 – O objetivo da leitura terapêutica, promovida pela biblioterapia, é permitir ao indivíduo transformar tudo o que foi lido, ouvido, visto ou apresentado durante a leitura dirigida e, com isso, estabelecer a possibilidade de uma nova forma de agir e de sentir o mundo que o cerca	52
Figura 16 – O conceito de inclusão social refere-se a pessoas que não possuem as mesmas oportunidades na sociedade, seja por questões de gênero, raça, religião, devido a condições socioeconômicas ou outras.....	60
Figura 17 – Entender-se a si mesmo como uma ilha de percepção.....	62
Figura 18 – <i>Jean-Jacques Rousseau</i> nasceu em Genebra, Suíça (1712-1778), deixando várias obras, das quais se destacam: <i>Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens</i> ; <i>Do contrato social</i> e a obra romaneada <i>Emílio ou Da educação</i> , publicada em 1762	64
Figura 19 – O médico <i>Ovide Decroly</i> nasceu na Bélgica (1871-1932), iniciando seu trabalho na educação com crianças com deficiência mental. Na transição da medicina para a educação criou uma disciplina chamada Pedotecnia, cujo enfoque eram as atividades pedagógicas dirigidas ao conhecimento da evolução física e mental das crianças	65
Figura 20 – <i>Maria Montessori</i> (1870-1952) foi a primeira mulher a se formar em Medicina na Itália. Especializou-se em neurologia e trabalhou com crianças com deficiência mental, extraindo dessa experiência os métodos de sua proposta educacional ...	65
Figura 21 – <i>Rudolf Steiner</i> (1861-1925) estudou ciências naturais e matemática, mas também se aprofundou em temas político-sociais, literatura e filosofia. Dedicou-se a publicar trabalhos filosóficos sobre a questão espiritual do homem. É o criador da Pedagogia Waldorf.....	66
Figura 22 – Uma sociedade mais igualitária passa, definitivamente, pela democratização da leitura	69
Figura 23 – Uma vez que informação e conhecimento caminham juntos, toda fonte de informação gera inclusão social e prática da cidadania	70
Figura 24 – É pela leitura que o homem incorpora as competências necessárias para a sobrevivência social.....	71

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA	9
	EMENTA	11
1	UNIDADE 1: O ATO DE LER: HISTÓRIA, PROMOÇÃO E POLÍTICAS DO LIVRO E DA LEITURA	13
2.1	OBJETIVO GERAL	13
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2.3	O ATO DE LER.....	15
2.4	HISTÓRIA DA ESCRITA E DA LEITURA	23
2.5	POLÍTICAS DE LEITURA E VISÃO SOCIOCULTURAL DO PERCURSO E HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL	29
2.5.1	Atividade	35
2	UNIDADE 2: BIBLIOTECA, FORMAÇÃO DO LEITOR E FUNÇÃO TERAPÊUTICA DA LEITURA	37
3.1	OBJETIVO GERAL	37
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	37
3.3	A BIBLIOTECA E A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	39
3.4	A FUNÇÃO TERAPÊUTICA DA LEITURA	43
3.5	APLICAÇÕES DA BIBLIOTERAPIA.....	49
3.5.1	Atividade	53
3	UNIDADE 3: LEITURA E O FAZER BIBLIOTECONÔMICO COMO FORMAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL	57
4.1	OBJETIVO GERAL	57
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	57
4.3	LEITURA E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL	59
4.4	A LEITURA COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO SOCIAL.....	63
4.5	O ACESSO À INFORMAÇÃO E À LEITURA: O FAZER BIBLIOTECONÔMICO E A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL	68
4.5.1	Atividade	72
	REFERÊNCIAS	74
	SUGESTÃO DE LEITURA	75

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A literatura tem sido o fio condutor para que o ser humano explore suas emoções e sentimentos, suas descobertas e incertezas. A literatura também nos leva a entender as relações com a sociedade, com a natureza, com a tecnologia e com diferentes momentos históricos da humanidade. Por excelência, a leitura é o instrumento que amplia nossos horizontes, promove o conhecimento e, dessa forma, abre caminho para a cidadania e a inserção cultural.

Os estudos desta disciplina levam a reconhecer a importância da leitura e da formação do leitor como elementos que permeiam o desenvolvimento e as transformações sociais e individuais, mediadas pelas tecnologias de comunicação, com a finalidade de garantir, ao cidadão, o acesso incondicional à informação.

Ações de incentivo à leitura e ao trabalho com a leitura terapêutica devem ser estimulados na família, na escola e na biblioteca, em todos os ciclos do desenvolvimento humano, pois o retorno delas será a inclusão social, informacional e também digital dos indivíduos, em busca da cidadania.

EMENTA

História e promoção da leitura. Biblioterapia. O fazer biblioteconômico para a inclusão social do indivíduo.

UNIDADE 1

O ATO DE LER: HISTÓRIA, PROMOÇÃO E POLÍTICAS DO LIVRO E DA LEITURA

2.1 OBJETIVO GERAL

Levar o aluno a conhecer o processo de transformação da história oral para a história escrita, compreendendo o ato de ler e refletindo sobre situação atual da leitura e da escrita no cenário nacional e sua relação com as políticas e práticas de leitura.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

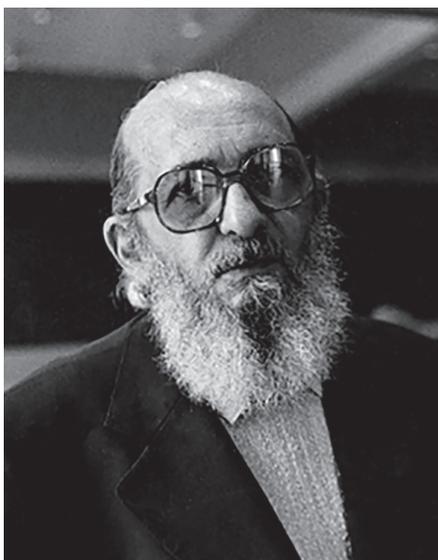
Esperamos que, ao fim desta unidade, você seja capaz de:

- a) estabelecer relações entre o ato de leitura e a abertura da consciência para o que se deseja ler;
 - b) identificar sentido e significado na leitura;
 - c) descrever a trajetória da leitura nas grandes sociedades;
 - d) descrever a história do livro e da leitura no Brasil;
 - e) analisar as políticas de leitura sob a perspectiva sociocultural.
-

2.3 O ATO DE LER

Nenhum homem é ignorante, mesmo que não saiba ler. Antes de aprender as letras e as palavras que elas formam, um pedreiro sabe, por exemplo, erguer uma casa. Por sua vez, um letrado – na maioria (se não na totalidade) das vezes – não sabe. Esses são os preceitos do método alfabetizador de *Paulo Freire* (1997), cujo pensamento pedagógico defende que não existem pessoas mais ou menos cultas, e sim culturas paralelas, distintas, que se complementam na vida e nas relações sociais de cada indivíduo. Em outras palavras, *Paulo Freire* afirma que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra (1997, p. 11).

Figura 1 – Paulo Freire



Fonte: *Wikimedia Commons*¹



Explicativo

Paulo Freire (1921-1997) é considerado patrono da educação brasileira, tendo sido reconhecido mundialmente por sua *práxis* educativa. É cidadão honorário de várias cidades no Brasil e no exterior. Para saber mais sobre esse grande educador, visite o site do *Instituto Paulo Freire*: <https://www.paulofreire.org/>.

¹ WIKIMEDIA COMMONS. Slobodan Dimitrov. **Paulo Freire 1977**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paulo_Freire.jpg. Acesso em: 6 dez. 2018.



Nos primórdios da humanidade, o homem sentiu necessidade de se comunicar para perpetuar a espécie, desenvolvendo a linguagem, elaborando sons que expressassem seus anseios. Ao transmitir sua experiência para a tribo, acreditava estar repassando – à atual e às futuras gerações – o conhecimento adquirido no cotidiano pelos anciões da comunidade e, assim, ensinando-lhes a lidar com os perigos que os cercavam.

Os cultos e ritos desses primeiros povos, carregados de cantos e fórmulas mágicas, auxiliavam os membros da comunidade a compreenderem o que lhes parecia hostil, fossem as ameaças dos fenômenos naturais, dos animais ou dos povos inimigos. Através da linguagem, o homem procurava, também, explicação para os fenômenos do mundo que não compreendia. Na visão de especialistas, a linguagem teria se originado nesse momento, quando diferentes sistemas de comunicação – baseados em sinais expressivos – se mesclaram, oferecendo aos homens primitivos a possibilidade de expressar intencionalidade.

Vladimir Propp (1997), um dos mais expressivos estudiosos estruturalistas de narrativas folclóricas e mitos, afirma que o estágio mais antigo da narração estaria ligado ao que era contado ao neófito nos rituais de iniciação. Os mais velhos (iniciadores) contavam aos jovens (iniciantes) o que lhes aconteceria durante o ritual. Eram informações privilegiadas que não podiam ser partilhadas com outros membros da comunidade, a não ser os neófitos. Contavam sobre o ancestral maior, o fundador da raça e os costumes da tribo.

A transmissão oral dos conhecimentos era imprescindível para a sobrevivência da comunidade e dos indivíduos. Representava a perpetuação dos valores, dos laços familiares e comunitários, promovia a resolução de conflitos, mas principalmente caracterizava uma reflexão sobre o real, dando sentido e intencionalidade ao que era transmitido.

A versão escrita dessas primeiras histórias transformou os pequenos povoados em grandes comunidades, permitindo que grupos cada vez maiores de pessoas compartilhassem informações e reflexões. Nos contos transmitidos oralmente, assim como nos textos escritos, o que encontramos são estruturações do real vivenciado nas experiências cotidianas, a representação das tensões sociais e a utilização dos códigos sociais na representação dos laços familiares e comunitários.

Assim, para atender plenamente ao seu significado e sentido, a leitura necessita referir-se à realidade, intencionalmente, ou cairá na representação de um processo mecânico de decodificação de símbolos. Isso nos leva, novamente, à afirmação de *Paulo Freire* de que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, porque, enquanto seres humanos, estamos inseridos constantemente nas nossas dimensões de passado, presente e futuro, apenas superando a unidimensionalidade do tempo e do espaço por meio da nossa pluridimensionalidade.

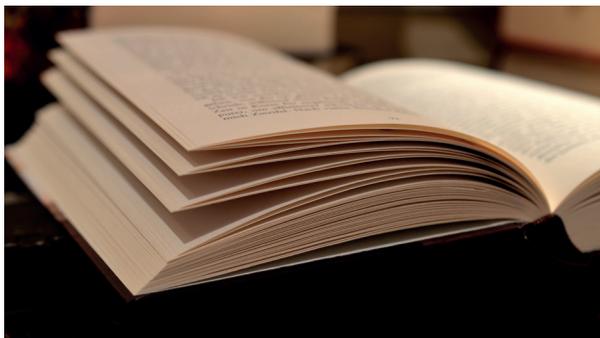
Em grande parte, nosso hoje depende do nosso passado, daquilo que fomos ou tivemos condições de ser. Nossos valores são legados dos nossos antepassados. Entretanto, nosso amanhã depende não apenas da análise crítica que somos capazes de fazer de nosso passado e presente, mas em maior medida dos projetos e compromissos históricos que, hoje, queremos construir e assumir. Somos seres pluridimensionais, e essa característica nos permite herdar, incorporar, transformar, adaptar.



Explicativo

A **unidimensionalidade** é a característica ou propriedade do que é dimensional, que possui uma única dimensão. Já a **pluridimensionalidade** é a multiplicidade e diversidade de dimensões.

Figura 2 – Ler é mais do que decodificar símbolos linguísticos. É pertencer ativamente a uma sociedade, enriquecendo-se cotidianamente com novas ideias



Fonte: Pixabay²

O ato de ler é imensuravelmente maior do que a decodificação do símbolo linguístico. É pertencer a uma sociedade e dela participar ativamente, desenvolvendo a capacidade verbal e enriquecendo-se cotidianamente com novas ideias, experiências. Ao final de cada leitura, somos definitivamente diferentes do que éramos antes desse encontro com o universo das palavras.

Dessa forma, pode-se, sim, afirmar que nenhum homem é ignorante. A leitura do mundo influencia nossa leitura da palavra e, por isso, o gosto pela leitura desenvolve-se à medida que os conteúdos correspondem ao interesse ou à necessidade do leitor. Isto porque a leitura é uma ação intelectual na qual os sujeitos, com seus prévios conhecimentos, valores e experiências, processam as informações dos textos escritos, num procedimento que vai além do cognitivo e do afetivo. O resultado dessa ação cultural historicamente constituída não é apenas a acumulação de informações, mas a representação de uma representação, presente no texto lido.

Manguel (2004, p.18-19) descreve que:

[...] um dia, da janela de um carro [...] vi um cartaz na beira da estrada. [...], de repente eu sabia o que eram elas; escutei-as em minha cabeça, elas se metamorfosearam, passando de linhas pretas e espaços brancos a uma realidade sólida, sonora,

² PIXABAY. **Congerdesign**. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/livro-leitura-p%C3%A1ginas-do-livro-520610>. Acesso em: 6 dez. 2018.



significante. [...] Eu e as formas estávamos sozinhos juntos, revelando-nos em um diálogo silenciosamente respeitoso. Como conseguia transformar meras linhas em realidade viva, eu era todo-poderoso. Eu podia ler. Qual a palavra que estava naquele cartaz longínquo, isso eu já não sei [...], mas a impressão de ser capaz de repente, de compreender o que antes só podia fitar é tão vívida hoje como deve ter sido então. Foi como adquirir um sentido inteiramente novo, de tal forma que as coisas não consistiam mais apenas no que os meus olhos podiam ver, meus ouvidos podiam ouvir, minha língua podia saborear, meu nariz podia cheirar e meus dedos podiam sentir, mas no que o meu corpo todo podia decifrar, traduzir, dar voz a, ler. (MANGUEL, 2004, p. 18-19).

A leitura é, então, um ato de posicionamento político perante o mundo que não pode ser menosprezado. A **intencionalidade** está expressa nos compromissos dos agentes produtores de textos, assim como na seleção de textos pelo leitor.

É nessa linha de análise que expressivamente se encontram os estudos de *Mikhail Bakhtin* sobre a linguagem, versando sobre a complexidade existente nas atividades humanas, assim como nas práticas de linguagem. Para *Bakhtin* (2004), não falamos no vazio. Há um vínculo orgânico entre a atividade humana e o uso da linguagem e, portanto, todos os enunciados produzidos possuem tema, organização composicional e estilos adequados às finalidades e condições de cada atividade realizada dentro das esferas do agir humano. Ou seja, a palavra é o privilegiado material da consciência, e é por meio da consciência que o homem elabora sua concepção de mundo, seu entendimento de si e dos outros. Uma vez que a consciência não existe fora da realidade, toda enunciação é de natureza social, determinada pela situação social imediata.

Ora, ler não é uma tarefa simples. Segundo *Bakhtin* (2004), além do reconhecimento do jogo complexo dos signos, é necessário que o leitor, sensível e inteligentemente, desconstrua o texto a fim de lhe dar novo sentido, numa interpretação para além do que reconhecem os olhos (signos), na busca de uma revelação particular e profunda da realidade contida no mundo simbólico das palavras. Ou seja, tanto o autor quanto o leitor, enquanto sujeitos históricos, determinam os efeitos de sentido de um texto, em uma interlocução que exige uma competência intelectual do leitor que vá além do conteúdo literal do texto lido e apresente estratégias e mecanismos sociais para um sentido final da mensagem lida. Esse sentido final só pode ser obtido nesse diálogo com o texto, entre leitor e autor.

Segundo *Roger Chartier* (2004), é preciso ressaltar a importância do suporte e materialidade do escrito na relação com a apropriação do texto pelo leitor, numa afirmação de que os textos não existem fora de uma materialidade que lhes dá existência, seja considerando elementos como o formato do objeto escrito, seja exaltando a questão da corporeidade do leitor em seus aspectos físicos.

Figura 3 – Chartier Roger



Fonte: Wikipédia³



Explicativo

Roger Chartier (1945) é um historiador francês que trabalha basicamente com a história do livro e da leitura. Para saber mais sobre o autor, confira a entrevista dada ao blog *Teoria da História*:

<http://teoriahistoria.blogspot.com.br/2009/05/entrevista-com-roger-chartier.html>.

Tendo como base essa percepção do ato de ler, a realidade da linguagem não está nem na enunciação monológica, nem no ato individual, mas na interação desses dois aspectos intrínsecos da comunicação. Dessa forma, toda e qualquer elaboração discursiva é ao mesmo tempo individual e social.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

³ WIKIPÉDIA. Michael Wögerbauer. **Chartier Roger**. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Chartier_Roger.jpg. Acesso em: 6 dez. 2018.

Embora todo o conteúdo mental do ser humano seja construído na e pela linguagem, segundo *Bakhtin* (2004), o homem não se apropria dela como um sistema pronto e acabado. Ele é envolvido por uma corrente contínua da comunicação verbal, constituída por múltiplos sujeitos organizados socialmente. No pensamento de *Bakhtin*, o mundo interior de cada indivíduo é uma realidade socioideológica na qual o conteúdo externo compõe-se na palavra do outro, mas, nessa interioridade, os signos se bivocalizam e ganham novas nuances. Compreender o signo consiste em aproximá-lo de outros signos já conhecidos. Assim as palavras se compõem e assim o significado da palavra lida também se compõe, ou seja, as palavras, por mais isoladas que pareçam, trazem consigo uma multidão de vozes.

Figura 4 – Mikhail Bakhtin



Fonte: Wikipédia⁴

Nessa mesma linha de pensamento, *Chartier* (2004) afirma que a leitura não é tão somente uma operação abstrata, mas o uso do corpo como inscrição num determinado espaço e na relação consigo mesmo e com os outros.

Para *Chartier* (1998), a leitura de um texto promove um diálogo entre o que nos é conhecido e o que o texto nos traz de novo, atribuindo novo significado a um conteúdo, que pode nos ser próximo ou com o qual estamos tendo contato pela primeira vez. A leitura estabelece um diálogo entre tudo o que sabemos e um novo conhecimento, mediado pelo uso apropriado dos recursos argumentativos que sustentam nossos pontos de vista. Dessa forma, o ato de ler é também o ato de reformular constantemente os significados e, ao fazê-lo, somos tomados por novas ideias e novas opiniões. Segundo *Martins* (1994), os textos nos fornecem a competência de operar criativamente, auxiliando-nos a obter um tipo de saber singular na contemporaneidade, sustentado pelo diálogo entre os conhecimentos sedimentados e aqueles adquiridos a cada leitura.

⁴ WIKIPÉDIA. **Mikhail Bakhtin**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin#/media/File:Mikhail_bakhtin.jpg. Acesso em: 6 dez. 2018.



Multimídia

Mikhail Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo russo que pesquisou, principalmente, a linguagem humana. Seus escritos são referência para todos os estudos sobre a comunicação, teoria do discurso e linguagem, em áreas diversas como crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia. Além de encontrar mais informações na *Wikipédia* (https://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin), veja também o *Centro de Estudos sobre Bakhtin* em: <https://www.sheffield.ac.uk/bakhtin>, na *Sheffield University*, Inglaterra.

Chartier (1998) e *Bakhtin* (2003), entre outros autores, ressaltam que a leitura não é um ato solitário, por mais implícita que esteja, em si, uma atividade individual. O leitor é sempre parte de um grupo social e as características específicas desse grupo ao qual ele pertence também participam da leitura, trazendo suas vivências do mundo e da vida, suas experiências prévias, seja no contexto social, seja enquanto indivíduo, para o momento da leitura.

Ora, ler é interagir com os leitores virtuais, constituídos no próprio ato da escrita, e não apenas com o texto produzido pelo autor. Nas palavras de *Koch* (1995, p. 162), “importante é o aprendiz notar que cada nova leitura de um texto lhe permitirá desvelar novas significações, não detectadas nas leituras anteriores [...]”. Resignificando os textos lidos e trazendo para a leitura suas próprias experiências, o leitor se apropria do texto, estabelecendo a mediação entre os sujeitos (leitor e autor). A partir desse pensamento, é lícito concluir-se que, embora o conceito de leitura esteja relacionado com a decifração dos códigos linguísticos, numa perspectiva óbvia e objetiva, na verdade representa um processo de formação social do leitor, ampliando e desenvolvendo sua capacidade cultural, sua visão política e social.



Explicativo

Sobre o tema, veja também:

CALVINO, I. **Assunto encerrado**: discurso sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GERALDI, J. W. **A leitura na sala de aula**: as muitas faces de um leitor. São Paulo: FDE, 1988. (Série ideias, n. 5).

SILVA, E. T. da S. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

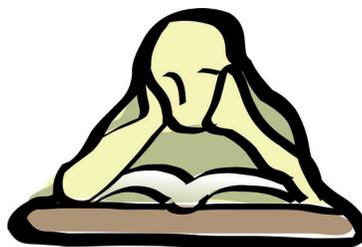
Semestre

7

Nossa leitura do mundo dá forma ao mundo da leitura que construímos para nós mesmos. *Paulo Freire* (1997) dizia que a leitura se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Enquanto seres gregários, somos capazes de relacionar ideias, operar transformações, adquirir conhecimentos e, assim, como num círculo virtuoso, nossos conhecimentos ampliam a nossa visão de mundo e passamos a compreender que nada é absoluto, permanente, estático. Como seres interativos estamos conectados uns aos outros por meio da leitura porque, sem o outro, nosso ponto de vista é apenas e tão somente um ponto de vista (BAKHTIN, 2004). Entretanto, há que se entender que a relação com a leitura é única e particular, na intimidade do processo de decodificação do signo linguístico permeado pela própria experiência de mundo.

Isso não significa que a interpretação ou a reprodução da leitura seja única, porque o que de fato acontece, em especial num universo onde há ausência de emancipação do leitor, é a reprodução da interpretação já pronta do mundo, por meio da oralidade presente na cultura alfabetizada (telejornais, telenovelas, comentários em entrevistas, entre outros), condicionada ideologicamente pela mídia (YUNES, 2002).

Figura 5 – O conceito de leitura representa um processo de formação social do leitor, ampliando e desenvolvendo sua capacidade cultural, assim como sua visão política e social



Fonte: Pixabay⁵

Segundo *Martins* (1994), ler não é simplesmente um aprendizado qualquer, mas a conquista de uma autonomia que amplia horizontes, rompe barreiras, auxilia a entender melhor o universo ao seu redor, fortalecendo o enfrentamento da realidade e diminuindo a apatia e o conformismo.

Conquanto o processo de ler implique dominar as etapas de decodificação e intelecção, essas são tarefas óbvias para qualquer indivíduo alfabetizado, uma vez que representa apenas a tradução dos sinais gráficos em palavras. A interpretação e, conseqüentemente, a aplicação, só ocorre com base na leitura do mundo (FREIRE, 1997). A apreensão das ideias, as relações entre o texto e o contexto, a aplicação do conteúdo da leitura a objetivos propostos, a penetração no conteúdo, absorvendo-se a intencionalidade subjacente ao texto, são os elementos que estabelecem um diálogo com o autor, permitindo ao leitor reescrever o mundo.

Para *Paulo Freire* (1997), é de posse desses elementos de leitura (para além da decodificação) que o leitor se transforma em um sujeito ativo, descobrindo uma infinidade de significações e implicações a cada releitura. Não se pode enfatizar o suficiente a expansão do universo do

⁵ PIXABAY. **Clker-Free-Vector-Images**. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/leitura-estudante-aprendizagem-23296/>. Acesso em: 6 dez. 2018.

leitor promovido pelo ato de ler. A leitura possibilita a compreensão do mundo ao seu redor, garante a expansão dos conhecimentos e desenvolve no leitor a consciência crítica. O leitor vive um processo contínuo de transformação, como ser político e social, algo que não pode ser dito daquele que não lê.

A leitura auxilia a construção do caráter do indivíduo, na medida em que lhe permite transformar o mundo em que vive, seja em termos pessoais, nos relacionamentos humanos que todos estabelecemos ao longo da vida, seja em termos profissionais, ao conduzir o leitor com mais destreza nos caminhos traçados pelos desafios impostos pelo mercado de trabalho

A leitura nos permite adquirir poder sobre a palavra, e é por meio da palavra que passamos a entender o mundo que nos cerca, transformando-nos a nós mesmos, assim como ao mundo ao nosso redor. Nossa visão de mundo e a leitura traçam o caminho para resgatar lembranças, contar e ressignificar histórias que, por sua vez, nos fazem entender nossas raízes, as fontes da nossa cultura. A leitura nos faz cidadãos críticos e conscientes.

Somos, portanto, autores da nossa própria história inclusive como leitores. Com a nossa leitura do mundo contribuímos para a transformação da realidade à nossa volta, pois o que transforma não é o ato de aprender a ler e escrever, mas o ato de *fazer uso* da leitura e da escrita.

2.4 HISTÓRIA DA ESCRITA E DA LEITURA

A história do livro e da leitura tem início quando a humanidade passa a dominar a escrita. Mas a história da comunicação humana começa muito antes disso.

Segundo *Manguel* (2004), as sociedades sem escrita possuem um sentido linear do tempo e as sociedades letradas, um sentido cumulativo deste. A despeito dessa diferença, ambas as sociedades se movimentam dentro dessa percepção complexa de tempo, lendo os sinais que o mundo oferece. A leitura precede a escrita, e é isso que a história dos escritos nos transmite, ou seja, qualquer escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema social de signos antes de apresentá-lo em forma de escrita, seja na pedra, no papel ou em qualquer outro elemento utilizado pelas sociedades que registraram sua passagem no tempo.

Como vimos na seção anterior, o homem primitivo fazia uso da linguagem oral, do desenho, de gestos, entalhes, entre outras técnicas, para se expressar e transmitir informações. O primeiro alfabeto de que se tem conhecimento refere-se à escrita pictográfica, em 4.000 a.C., com desenhos simplificados de pinturas e esculturas nas cavernas pré-históricas. Já os símbolos mnemônicos, os *quipos*, por exemplo, cordões formados por fios de lã em diversas cores e utilizados pelos incas, surgiram há pelo menos 30.000 anos, mas, por serem desprovidos de conteúdo direto linguístico, não são classificados como escrita.



Para os especialistas da área, os primeiros sistemas de escrita surgem nos últimos milênios antes de Cristo, por volta de 8.600 anos atrás, e a antiga civilização suméria é responsável pela primeira língua escrita conhecida. A região habitada pelos sumerianos, antiga Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, corresponde hoje ao sul do Iraque e Kuwait (MELLA, 2004).



Explicativo

Sobre o tema, entre outros, ver:

FISCHER, S.R. **História da escrita**. São Paulo: Unesp, 2009.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

LUCIEN, F. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Unesp, 1992.

Cuneiforme é um adjetivo que significa que tem forma de cunha.

Refere-se à antiga escrita dos assírios, persas e medos, em forma de cunhas.



Arqueólogos encontraram, em 1928, na Mesopotâmia, uma placa de argila com uma escrita triangular e cuneiforme, datada entre 3.300 a.C. e 3.200 a.C., contendo sinais que representavam os artigos comercializados na época, como tipos de animais e alimentos. Outras expedições arqueológicas encontraram uma biblioteca com mais de 40.000 tábuas que, além de conter um registro detalhado da história dos sumérios, também versavam sobre técnicas de medicina, arquitetura, engenharia e hidráulica, como irrigação e drenagem de solo, construção de canais, reservatórios, entre outros. Esses escritos identificavam vastos conhecimentos de astronomia, química, física e matemática (MELLA, 2004).

Figura 6 – Antiga pedra suméria com escrita cuneiforme



Fonte: *Wikimedia Commons*⁶

⁶ WIKIMEDIA COMMONS. Purchase, Raymond and Beverly Sackler Gift, 1988. **Cuneiform tablet**: administrative account of barley distribution with cylinder seal impression of a male figure, hunting dogs, and boars. Disponível em: <https://goo.gl/Y81KFU>. Acesso em: 6 dez. 2018.

É interessante ressaltar que a língua suméria, entretanto, é considerada uma língua isolada. Inúmeras tentativas de relacioná-la a outros idiomas conhecidos resultaram em pesquisas sem a coerência necessária para que essa ligação fosse provada pelos mais expressivos estudiosos no campo da linguística.

Chartier (1998) afirma que o texto eletrônico é apresentado como uma revolução para o mundo da leitura, mas que a história do livro já vivenciou outras tantas revoluções. Nos primórdios da representação e transmissão de informação, por exemplo, conquanto o processo fosse rudimentar, já se anunciava um sistema de escrita que iria se aprimorar para atender ao crescimento da população e às novas necessidades que o desenvolvimento social preconizava.

Havia um encantamento pelas histórias transmitidas oralmente, que as antigas civilizações desejavam eternizar. Mas também era o início do agrupamento das primeiras cidades e havia a necessidade de se registrar informações importantes para as trocas comerciais, a organização social e o estabelecimento da organização política.

Uma das tábuas encontradas na biblioteca sumeriana trazia a descrição de uma escola onde a leitura e a escrita cuneiforme eram ensinadas. Apenas as famílias ricas frequentavam a escola e, dessa forma, saber ler e escrever era uma característica social importante que determinava as posições sociais e políticas dentro da comunidade. A democratização da leitura e a expansão do número de letrados na sociedade iria demorar alguns séculos para ocorrer (CHARTIER, 2004).

Na antiga sociedade grega, a leitura também era privilégio de poucos alfabetizados, tendo, a escrita, o objetivo de preservar o texto e a cultura oral. O *volumen*, ou rolo, surge entre 323 a.C. e 146 a.C., no período helenístico. As grandes bibliotecas helenísticas deram início a uma organização totalmente nova tanto da produção literária como da difusão da leitura (FISCHER, 2009).

Os romanos herdaram dos gregos os hábitos de leitura e a estrutura do *volumen*. E, embora a leitura também fosse, para aquela sociedade, um hábito exclusivo das classes privilegiadas, ser culto representava, na época, ter uma biblioteca particular. Entretanto, é na Idade Média que a leitura irá adquirir a característica silenciosa. Naquele período a prática de leitura estava concentrada no interior das instituições religiosas, em especial pela característica dos textos que exigiam uma leitura meditativa, no silêncio dos locais de convívio comum, assim como em celas e claustros. Dessa leitura de maneira silenciosa, em espaços compartilhados, surgem os novos modelos de biblioteca nos séculos seguintes.

Para *Chartier* (2004), a conquista da leitura visual em silêncio está distribuída da seguinte forma: dos séculos IX a XI, quando os *scriptoria* monásticos abandonaram os hábitos da leitura e da cópia oralizada; no século XIII, com a leitura silenciosa praticada nas universidades e a partir da metade do século XVI, com a adoção da leitura silenciosa pelos aristocratas laicos. Segundo *Chartier* (2004), essa nova relação com o livro demonstrou-se mais fácil e produtiva, favorecendo o caminho para a aquisição de manuscritos próprios e a mudança no ato de ler na intimidade, numa relação individual com o texto lido.

Com o surgimento das escolas leigas, nos séculos de XI a XIV, para atender à burguesia que se formava nas cidades e nos centros comerciais, o livro passa a ser um instrumento de divulgação do saber, utilizado para

alfabetização e transmissão de conhecimento básico às classes populares. Surge, então, o livro escrito em língua vulgar, com conteúdo semelhante ao dos volumes em língua culta, distribuídos aos aristocratas.

O ponto que define a transformação revolucionária na história da escrita e da leitura foi a criação da máquina de impressão tipográfica, inventada pelo alemão *Johann Gutenberg*, no século XV. Com uma inovadora técnica de reprodução de textos, a máquina de impressão influencia profundamente os rumos da circulação de ideias no mundo ocidental. O leitor passa a ter acesso não apenas a uma maior quantidade de livros, mas a uma maior variedade de publicações (BURKE, 2003).

O primeiro livro inteiro publicado pela técnica da imprensa foi a *Bíblia*, em alemão, na linguagem vernácula. Até hoje, a *Bíblia* é o livro mais publicado – mais de seis bilhões de exemplares vendidos – e o mais traduzido – em mais de duas mil línguas e dialetos.

A Igreja e o Estado controlavam as primeiras publicações. O Estado garantia o cumprimento da ordem estabelecida e a divulgação da ideologia dominante, controlando o que era publicado, divulgado e distribuído à população. Era de interesse do Estado o fortalecimento da família burguesa, e essa ideologia era difundida por uma mitificação da maternidade que sustentava o amor filial e os deveres entre pais e filhos, reforçando os laços internos dos núcleos familiares. Para os objetivos políticos do Estado, essa constituição traçava o caminho para uma sociedade moderna, já que a família era considerada uma miniatura da sociedade idealizada. A leitura consolidou-se no interior desse universo familiar, por ser considerada uma atividade doméstica adequada à privacidade do lar (CHARTIER, 2004).

Figura 7 – Era de interesse do Estado o fortalecimento da família burguesa. Para os objetivos políticos do Estado, a constituição familiar traçava o caminho para uma sociedade moderna, já que a família era considerada uma miniatura da sociedade idealizada. A leitura consolidou-se no interior desse universo familiar, por ser considerada uma atividade doméstica adequada à privacidade do lar



Fonte: *Wikimedia*⁷

⁷ WIKIMEDIA. Ambrosius Benson. **Mary Magdalene reading**. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5e/Mary_Magdalene_Reading_Ambrosius_Benson.jpg. Acesso em: 7 dez. 2018.

O mesmo interesse na família burguesa tinha a Igreja. Grupos religiosos protestantes e reformistas propunham uma disseminação da leitura para divulgação da *Bíblia* e de folhetins religiosos semanais que garantiam a formação moral de seus seguidores.

As estratégias editoriais engendram, portanto, de maneira despercebida, não uma ampliação progressiva do público do livro, mas a constituição de sistemas de apreciação que classificam culturalmente os produtos da imprensa, fragmentando o mercado entre clientelas supostamente específicas e desenhando fronteiras culturais inéditas. (CHARTIER, 2003, p.129).

Por milhares de anos, a escrita limitou-se a modos de reprodução restritos, como as tábuas com escrita cuneiforme, os papiros egípcios, os ideogramas chineses, entre outros. As informações eram copiadas à mão, palavra por palavra, e o acesso a esse material era limitado a pequenos grupos, geralmente aos escribas. A invenção de *Gutenberg* possibilitou a intensificação do acesso aos materiais publicados. Um molde era feito com os caracteres móveis e, a partir dele, imprimia-se a quantidade de cópias desejada, segundo o estoque de tinta à base de óleo disponível para o trabalho. O nome dado ao conjunto de papéis impressos com os caracteres móveis foi **códice**, do latim *códex* = bloco de madeira. O *códex* também identifica o primeiro livro nos moldes do que conhecemos hoje (BURKE, 2003).

Uma observação interessante é feita por *Chartier* (1998), ao ressaltar a transformação do formato dos livros. O grande *in-fólio*, por exemplo, é o livro de estudo da *escolástica*, o livro que se põe sobre a mesa. Os livros em formato médio referem-se aos lançamentos, aos clássicos antigos da primeira vaga do *humanismo*, copiados antes de *Gutemberg*. Já o *libellus* é o livro que se pode carregar no bolso, o livro de preces e devoção, mas, também, o livro da diversão.



Explicativo

O termo *escolástica* refere-se a um método de aprendizagem desenvolvido pelas escolas monásticas cristãs, baseado no pensamento racional e dialético. O *humanismo*, por sua vez, é um movimento filosófico e intelectual, iniciado no século XIV, que defende a valorização do ser humano e da condição humana como prioritárias. Por fim, o termo *libellus* é a forma diminutiva em latim da palavra livro, ou seja, livro pequeno.





Desde a descoberta da escrita pelo homem, os grandes locais que abrigavam esses tesouros do conhecimento, as bibliotecas, modificaram-se para dar suporte aos seus acervos, compostos, primeiramente, por minerais escritos através de cunhas e hieróglifos, em tabletes de argila. Depois vieram as formas vegetais e animais de que eram constituídos os rolos de papiro e pergaminho, conteúdo das bibliotecas da Babilônia, Assíria, Pérsia, China e do Egito. Com os árabes, surgem as primeiras bibliotecas de papel e, mais tarde, as bibliotecas dos livros.

Para Darnton (2010, p. 59):

Algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há 2 mil anos. Enquanto isso não acontece, digo: protejam a biblioteca. Abasteçam-na com material impresso. Reforcem suas salas de leitura. Mas não pensem na biblioteca como um depósito ou um museu. Ao mesmo tempo em que oferecem livros, a maioria das bibliotecas de pesquisa operam como centros nervosos de transmissão de impulsos eletrônicos. Adquirem bancos de dados, mantêm repositórios digitais, fornecem acesso a periódicos eletrônicos e orquestram sistemas de informação que alcançam as profundezas de laboratórios e gabinetes. Muitas delas estão compartilhando sua riqueza intelectual com o resto do mundo ao permitir que o Google digitalize seus acervos de impressos. Assim sendo, digo também: vida longa ao Google, mas não esperemos que ele viva o bastante para substituir aquele venerável edifício com colunas coríntias. Como cidadela do saber e plataforma para aventuras na internet, a biblioteca de pesquisa ainda merece estar no centro do campus, preservando o passado e acumulando energia para o futuro.

Ensinar a ler, nas bibliotecas ou nas salas de aula tradicionais, deve ir além do reconhecimento das palavras. É importante estimular os leitores a compreender e interpretar textos, levantar hipóteses sobre eles, refletir sobre os significados neles identificados, promovendo um diálogo interno do texto com o leitor.

A leitura dissemina história e hábitos de um povo, assim como transmite valores sociais, morais e culturais de uma geração a outra. Se inicialmente a escrita era utilizada para registrar importantes informações para a comunidade e o grupo social, na atualidade é fundamental para a formação do ser, traçando o caminho para a cultura, o saber erudito, científico, tecnológico, assim como para um sentimento de pertença e identificação do mundo que o cerca.

2.5 POLÍTICAS DE LEITURA E VISÃO SOCIOCULTURAL DO PERCURSO E HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL

No Brasil, a história da leitura se confunde um pouco com a história da alfabetização. Nos últimos 30 anos, ambas aparecem interligadas no campo da **história da educação**, com fundamentos na **linguística** e na **história da cultura**. Estudos tem procurado garantir espaço próprio a cada uma dessas áreas, muitos deles por meio do levantamento das publicações acadêmicas produzidas a partir da década de 1990.

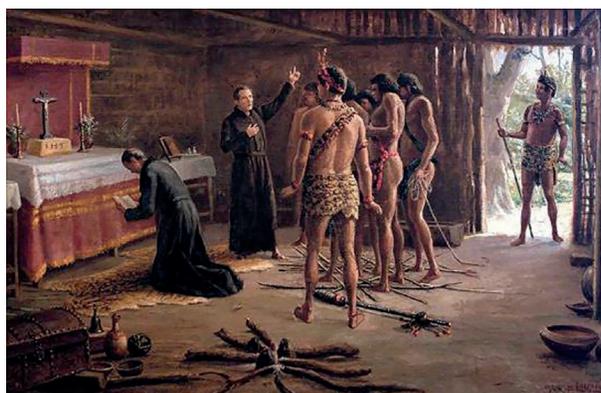
Essa proximidade dos temas se justifica, em grande parte, pelo ensino formal que sempre privilegiou a cultura e a linguagem das classes dominantes, apesar do processo de democratização da escola, surgido na década de 1970. A crise no ensino da língua materna veio acompanhada de uma crítica ao uso deficiente ou inadequado da língua, mas o fato é que a escola sempre teve dificuldade para aceitar o dialeto, assim como a expressão da cultura dos alunos oriundos das camadas mais populares. A escola democrática representa a tentativa de universalizar o ensino, em especial a alfabetização, porque é necessário formar cidadãos mais produtivos e funcionais para uma sociedade em constante evolução. A ideia de que a escrita precede a leitura levou as sociedades organizadas a combater a alfabetização, em busca do desenvolvimento industrial (HIGOUNET, 2003).

Sabemos que toda forma de linguagem é criada pela cultura de um povo. A definição de correspondências define o sistema de representações dessa cultura sobre o mundo. Em outras palavras, a linguagem dá significado ao mundo.

Historicamente, o processo de alfabetização em língua portuguesa no Brasil seguiu caminhos interessantes. Oficialmente, os jesuítas (1540 a 1880) foram os primeiros a alfabetizar a população em terras brasileiras. Os padres da *Companhia de Jesus* chegaram ao Brasil no ano de 1549, com a expedição de *Tomé de Souza*. Um dos objetivos de os jesuítas fazerem parte dessas expedições era a intenção de construir e desenvolver escolas católicas em todas as regiões do mundo, incluindo o Brasil (ROMANELLI, 2001).



Figura 8 – São chamados jesuítas os membros da *Companhia de Jesus*, uma ordem religiosa católica fundada por *Santo Inácio de Loyola*, cujo trabalho teve início com um grupo de missionários dedicados à educação e à caridade, em 1534



Fonte: *Sistema de Ensino Equipe*⁸

A escola jesuíta fundamentava-se em princípios rígidos, os quais a mantiveram constante, por mais de 200 anos, na *Ratio Studiorum*, ou Ordem dos Estudos: documento-síntese da experiência pedagógica dos jesuítas, onde eram descritas as normas e as estratégias desse ensino que pretendia a formação integral do homem, de acordo com a fé e a cultura católica daquele período. Os princípios eram: a unificação do método de ensino, a ênfase na concentração e na atenção silenciosa dos alunos e o ensino-aprendizagem por meio da repetição e memorização dos conteúdos apresentados. Esses princípios continuariam fazendo parte do ensino no Brasil, mesmo depois da expulsão dos jesuítas, em 1760, e não é difícil imaginar esse continuísmo, uma vez que os professores haviam sido formados nas escolas jesuíticas. Assim, a alfabetização do início do período colonial brasileiro até o final do segundo império irá perseguir o modelo trazido pelos jesuítas, num ensino austero, que impedia o leitor de dialogar com o texto, uma vez que este possuía uma única significação, a qual era dada pelos professores (SILVA, 2015).

No final da década de 1880, uma novidade pedagógica surgida na Europa e que fazia sucesso em Portugal chega até o Brasil. Era a *Cartilha maternal*, de *João de Deus*. A cartilha trazia um revolucionário método de alfabetização, que partia da palavra (palavração), em oposição aos métodos sintéticos que partiam das letras (soletração) e das sílabas (silabação). Os métodos sintéticos seguem o raciocínio das partes para o todo, ou seja, partem das unidades menores, letras ou sílabas, para as palavras, frases e finalmente o texto. Segundo Soares (1989), a novidade trazida pelo método analítico da *Cartilha maternal* constituía-se no caminho contrário: partia das unidades maiores, textos, frases ou palavras, para as sílabas e letras.

Uma versão brasileira desse método é a *Cartilha da infância*, de *Thomaz Paulo do Bom Sucesso Galhardo*, cujo enfoque é o ensino da leitura e escrita por meio da silabação. Segundo Galhardo, a realidade brasileira não correspondia mais ao antigo método de soletração, mas ainda não estava próxima do moderno método de palavração. Sua proposta de um meio termo foi bem recebida e, surpreendentemente, sua cartilha chegou à 233ª edição em 1992.

⁸ SISTEMA DE Ensino Equipe. **imagem 4**. Disponível em: <http://sistemadeensinoequipe.com.br/2018/02/literatura-e-cultura-breve-historia-da-formacao-da-literatura-brasileira-nacional/ imagem-4/>. Acesso em: 7 dez. 2018.

Mas o embate entre os métodos sintéticos e os analíticos estava apenas começando. Era o embate da palavra *versus* a letra e a sílaba. Mesmo dentre os defensores do método analítico havia discordâncias sobre a escolha do tipo de todo do qual se deveria partir na leitura/alfabetização, se da palavra, da sentença ou de uma pequena história (historieta).

A essa polêmica iriam se juntar os defensores de um caminho misto, um método analítico-sintético, em oposição ao método analítico. Mas este também foi o momento em que o método de ensino sofreu uma relativização em sua importância. A partir de 1940, a educação no país começou a discutir se não haveria coisas mais importantes em jogo, para o ensino da escrita e da leitura, do que o método. Surgem, então, a partir dos anos 1980, as propostas construtivistas trazidas por *Emília Ferreiro* (SILVA, 2015). O método construtivista era extremamente popular dentro do universo acadêmico, mas rejeitado dentro das escolas, por aqueles que faziam a educação na sala de aula. Os professores atuantes naquele período responderam com uma atuação silenciosa à onda de modernidade que a concepção construtivista trouxe até mesmo para os documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1996-1998).



Explicativo

PCN é a sigla para *Parâmetros Curriculares Nacionais*. São documentos com referências de qualidade para os ensinos fundamental e médio, criados pelo governo federal em 1997. Obtenha mais informações em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>.

A discussão teórica sobre os métodos construtivistas não alcançou o fazer cotidiano dos professores num país com dimensões continentais e tantas diferenças e singularidades. Nesse caso, a prática não correspondeu à teoria, e a maioria dos professores utilizava, às escondidas, métodos sintéticos para alfabetizar seus alunos, a despeito do que era pregado pelo Ministério da Educação.

A partir de 2002, avaliações quantitativas sobre o rendimento dos alunos brasileiros, em pesquisas internacionais, fazem com que o Brasil adote métodos oficiais de alfabetização empregados em países ricos como Estados Unidos, Inglaterra, França, entre outros. O modelo construtivista de alfabetização, em vigor no Brasil, já sofria fortes críticas desde o final dos anos 1990, e o método fônico foi apresentado como uma alternativa mais compatível com a realidade brasileira. A resposta dos defensores do construtivismo veio de forma enérgica, afirmando que o construtivismo não é um método e que a realidade de outros países, em especial com características socioeconômicas tão diferentes, não deveria servir de parâmetro para uma avaliação da alfabetização no Brasil (SILVA, 2015; SOARES, 1989).





Explicativo

O método fônico ensina primeiro os sons de cada letra e, a partir disso, constrói a mistura desses sons em conjunto para alcançar a pronúncia completa da palavra. Isso permite que se leia toda e qualquer palavra. Sobre o tema, veja mais informações em: <http://metodofonico.com.br/>.

Dentro dessa impossível conciliação de conceitos e discussões teóricas, o Ministério da Educação (MEC) passa a publicar, a partir de 2003, materiais que permitem uma convivência pacífica dos diferentes processos de alfabetização, sem uma opção clara por determinado método de promoção da escrita e leitura.

Ao longo da história da leitura, a univocalidade da mensagem era garantida por um reconhecimento, pelo poder social dos sentidos retidos na escrita. Não importava a interpretação do leitor (ZILBERMAN; LAJOLO, 1998).

Figura 9 – Os leitores transformam as formas e a ordem dos signos e da escrita, criando novos discursos nesse espaço onde a leitura acontece. A força do escrito vem do leitor, pois é ele que lhe atribui sentido em um determinado contexto histórico



Fonte: Maxpixel⁹

A reformulação de um sentido absoluto do conteúdo escrito foi possível nas recentes sociedades de ideologia democrática, quando os valores e necessidades comuns entre classes sociais diferentes passaram a ser enaltecidos. Isso possibilitou considerar que os escritos não contêm uma única verdade. Os leitores transformam as formas e a ordem dos signos e da escrita, criando novos discursos nesse espaço onde a leitura acontece. Segundo Yunes (2002), a força do escrito vem do leitor, pois é ele que lhe atribui sentido em um determinado contexto histórico.

Chartier (2004) afirma que o texto existe porque há um leitor para dar-lhe significação. Para cada comunidade de leitores corresponde maneira diferente de ler e interpretar os textos. A leitura, então, não é vista como uma

⁹ MAXPIXEL. **Girl reading infant studying school children**. Disponível em: <https://www.maxpixel.net/Girl-Reading-Infant-Studying-School-Children-306607>. Acesso em: 7 dez. 2018.

operação abstrata, mas como o uso do próprio corpo enquanto inscrição dentro de um espaço, seja na relação consigo mesmo ou com os outros. Iluminada por essa convicção, a leitura e a interpretação passam a ser objetos compartilhados por um conjunto de disciplinas de estudo e pesquisa, com destaque para a história, a linguística, a sociologia e a psicanálise.

No Brasil, o fenômeno do iletrismo e a necessidade de políticas para enfrentá-lo impulsionam, a partir da década de 1960, os trabalhos acadêmicos dentro dessas diferentes áreas do conhecimento. E isso é uma coisa boa, porquanto o intenso diálogo constituído de loci distintos só beneficia a circulação e o inter-relacionamento de estudos e pesquisas cujo enfoque é a leitura e a escrita (SOARES, 2013).

Estudos sociais e de hábitos de leitura surgem, segundo *Chartier* (2004), para pensar a leitura e a escrita dos outros. Essas pesquisas apresentam as práticas dos ainda “não letrados” ou daqueles que deixaram de ser iletrados recentemente, sejam crianças, jovens, operários, mulheres, negros, auxiliando inclusive a identificar grupos que se diferenciam pelo que leem e por como leem.

Surgem ainda estudos sobre aqueles que, por mudanças sociais, estão no limiar da verdadeira cultura letrada. Um exemplo desses estudos é a análise, feita por *Perroti* (1990), de como o aparecimento dos discursos sobre a leitura infantojuvenil no Brasil, nos anos 1960 a 1970, evidenciaram a preocupação com o desenvolvimento da leitura nos países de terceiro mundo. Além dela, outros estudos apontam significativas mudanças nas práticas de leitura de determinados grupos de profissionais expostos a processos de desqualificação e proletarização, como, por exemplo, os professores. A história da leitura pode, assim, ser percebida por meio de suas práticas no rastro da construção de sentido que o leitor promove a partir da leitura.

A modernidade rompe com a antiga ideia de que o texto e as obras possuíam um sentido intrínseco, único, e reconhece as práticas plurais e contraditórias nas diferentes formas de interpretação, que dão significado ao mundo (CHARTIER, 1998).

Para *Darnton* (2010), a leitura tem uma história. Essa história é uma atividade humana e, como tal, é criativa, variável e constituída em torno de um conjunto de condições sociais que fazem emergir modos de ler e de escrever, assim como usos da leitura e da escrita, criando e recriando significados.

Iletrismo é a dificuldade de ler, interpretar e escrever.

Loci é o plural de *locus*, uma palavra latina que significa lugar, posição ou local.



Explicativo

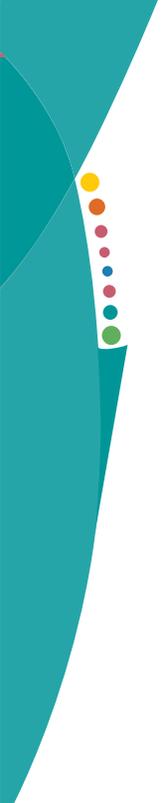
Sobre o tema da constituição do campo de estudos sobre a leitura e escrita, além dos autores já mencionados aqui, ver também:

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SEARLE, J. **Consciência e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Rio de Janeiro: Artmed, 2003.





Com a expansão da imprensa e a ampliação do mercado do livro, a história do leitor começa a ser escrita junto com o crescimento da escola e da alfabetização das populações urbanas. Entretanto, até os tempos atuais, segundo *Chartier* (2004), os marginalizados da alfabetização são considerados despossuídos da capacidade de decifração e de outras habilidades de construção do imaginário com base na linguagem escrita.

A expansão da escola não veio acompanhada de uma autêntica vontade democrática, o que se pode perceber pelas políticas públicas adotadas no país. Nos anos 1990, o Brasil estabeleceu a universalização do acesso à escolarização, mas não houve a implementação de políticas de melhoria do ensino, em especial no que se refere à qualificação dos professores. Outro problema foi a progressão continuada, ou aprovação automática, implantada por muitas secretarias de educação, que dividiu o nível fundamental do ensino em três ciclos, dentro dos quais não há reprovação ou retenção na série.

Uma maior carga horária em sala de aula, para o aluno, não representa necessariamente aprendizado, assim como certas ações, baseadas em teorias corretas, podem se tornar apenas providências burocráticas, sem eficácia no ensino-aprendizagem. Questões como esta levam o país a ter, hoje, um número significativo de indivíduos que passaram pelo sistema de ensino e não conseguiram estabelecer uma relação transformadora com a leitura (ZILBERMAN; ROSING, 2009).

As políticas públicas não têm alcançado alunos e professores de forma que estes reflitam sobre a fragmentação literária que se estabeleceu na escola. Os objetivos apresentados nos documentos não garantem a formação e continuidade de leitores ativos e, especialmente, críticos. Na escola, o mundo da leitura é apenas uma obrigação, preferencialmente rápida e descartável. Parte significativa da literatura apresentada no ambiente escolar são reproduções de clássicos curriculares, o que leva a uma estagnação e ao bloqueio da motivação para a leitura.

Talvez, no entanto, a pior consequência seja o aumento da distância entre o saber da escola e o saber social do aluno, impedindo o diálogo do leitor com o texto, que não se torna objeto de reflexão, nem de interesse. Quando o leitor não consegue extrair sentido do que lê para a própria vida, quando a leitura não é percebida como uma forma de saber, perde-se a dimensão do ato de ler como um instrumento capaz de construir significados, como um espaço de diálogo interior – com seu conhecimento do mundo – e exterior, com o conhecimento produzido e compartilhado por outros.

Entretanto, o fomento à leitura no Brasil historicamente vem perdendo terreno diante dos inúmeros obstáculos para a implantação de programas que efetivamente tragam progressos palpáveis para essa área de estudos e atuação. Talvez o maior dos obstáculos seja a inexistência de políticas públicas que sejam contínuas, assim como a manutenção de bibliotecas, sejam elas escolares ou públicas, de fato contribui para o aprimoramento cultural dos cidadãos.

O Brasil ainda carece de políticas públicas de leitura que venham acompanhadas de ações sociais de inserção da população na cidadania, transformando o retrato do leitor que temos hoje e apoiando uma reforma de qualidade na escola pública nacional. É importante que os programas de incentivo à leitura e à escrita, estabelecidos pelo governo, garantam a convivência básica da sociedade brasileira com o livro, assim como a formação do leitor.

A informação é o insumo básico do desenvolvimento de uma sociedade. O cidadão, no gozo de seus plenos direitos informacionais, torna-se um indivíduo com ampla visão de mundo e, portanto, mais preparado para enfrentar os desafios sociais, profissionais e pessoais em maior escala, por conhecer, acessar e refletir sobre seus direitos essenciais.



2.5.1 Atividade

1. Coloque verdadeiro (V) ou falso (F) após refletir sobre o conteúdo de cada afirmação a seguir, considerando o que você aprendeu na Unidade 1:

- a) Segundo *Paulo Freire*, a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, o que significa estabelecer relações e compreender o que se lê. Isso somente ocorre após o desenvolvimento da ampla e completa leitura do símbolo e sua decifração, pois ambos são imprescindíveis para a leitura que o leitor poderá fazer do mundo que o cerca. ()
- b) Ensinar a ler deve ir além do reconhecimento das letras e das palavras. Essa visão a respeito da leitura nos permite inferir que o leitor deverá ser capaz de compreender o texto, interpretá-lo, estabelecer associações, apresentar conjecturas, fazer reflexões sobre o conteúdo e construir uma interlocução com o texto lido. ()
- c) Os principais motivos para que o nosso país tenha, na atualidade, um número significativo de indivíduos que – apesar de terem passado pelo sistema de ensino – não conseguiram estabelecer uma relação transformadora com a leitura são: a pequena carga horária em sala de aula, ações que não garantem a permanência do estudante na escola e a falta de incentivo à leitura. ()
- d) As escolas leigas, surgidas entre os séculos XI e XIV, equiparam a burguesia e a aristocracia no que se refere ao conhecimento, pois os livros produzidos para a nobreza eram os mesmos utilizados pelas classes populares. ()
- e) No que se refere ao ato de ler, podemos afirmar que leitura leva à compreensão do mundo em que vivemos, garantindo a amplitude de conhecimentos que gera um contínuo processo de transformação pessoal e social. Nessa linha de pensamento, portanto, o indivíduo que não lê não desenvolve a própria consciência enquanto ser político e social. ()

Resposta comentada

- a) A afirmação é **FALSA** porque a leitura do mundo, segundo *Paulo Freire*, implica decifrar o sentido de tudo o que nos rodeia e interpretar o significado das coisas, sob pontos de vista diferentes, ANTES de desenvolvermos habilidades para a leitura da escrita. Para o autor, a leitura do mundo **precede** a leitura da escrita.
- b) A afirmação é **VERDADEIRA**. Ensinar a decifrar códigos linguísticos não significa ensinar a ler. Ler é mais do que o reconhecimento das letras e das palavras. Implica compreen-





der o que se lê, podendo refletir sobre o conteúdo, fazendo inferências que acrescentem conhecimento e promovam a participação cidadã na sociedade.

- c) A afirmação é **FALSA**, pois está incompleta e equivocada. Ações burocráticas e sem eficácia no ensino-aprendizagem já existem. Da mesma forma, não é o tempo nem são os mecanismos de retenção do aluno na escola que irão garantir o aprendizado, pois o mais importante é a qualidade do que é oferecido ao aluno, por meio de uma educação participativa e comprometida. Assim, os principais motivos para que o país tenha um número significativo de analfabetos, iletrados e analfabetos funcionais são: ausência de políticas públicas contínuas, acompanhadas de ações sociais de inserção da população na cidadania; falta de apoio/suporte às bibliotecas; carência de uma reforma de qualidade na escola pública e a instalação e o acompanhamento de programas de estímulo à leitura e à escrita.
- d) A afirmação é **FALSA**. As escolas leigas, criadas para atender à burguesia que se formava nas cidades e centros comerciais, possuíam exemplares de livros escritos em **língua vulgar**, com conteúdo semelhante aos que eram escritos em **língua culta** e distribuídos aos aristocratas. Conquanto o conhecimento básico fosse semelhante, a linguagem era totalmente diferente, preservando a distinção entre aristocracia e burguesia.
- e) A afirmação é **VERDADEIRA**. Não se pode enfatizar o suficiente a expansão que adquire o universo do leitor pelo ato de ler. A leitura possibilita a compreensão do mundo ao seu redor, garante a expansão dos conhecimentos e desenvolve no leitor a consciência crítica. Esse contínuo processo de transformação, enquanto ser político e social, é algo que não pode ser dito daquele que não lê.
-